



**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj Eng MARCUS VINÍCIUS GUIMARÃES MONTEIRO DE CASTRO

**A atual projeção do bloco russo-chinês e a Nova Guerra
Fria.**



Rio de Janeiro

2020



Maj Eng MARCUS VINÍCIUS **GUIMARÃES MONTEIRO DE CASTRO**

A atual projeção do bloco russo-chinês e a Nova Guerra Fria.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Estudos da Paz e da Guerra.

Orientador: Ten Cel Inf Marcos Luiz da Silva Del Duca

Rio de Janeiro
2020

C355a Castro, Marcus Vinícius Guimarães Monteiro de

A atual projeção do bloco russo-chinês e a Nova Guerra Fria / Marcus Vinícius Guimarães Monteiro de Castro. – 2020.

47 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Marcos Luiz da Silva Del Duca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)— Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Bibliografia: f. 45-47.

1. BLOCO RUSSO-CHINÊS. 2. ESTRATÉGIA. 3. CENÁRIO GLOBAL. 4 NOVA GUERRA FRIA. I. Título.

CDD 355.4

Maj Eng MARCUS VINÍCIUS GUIMARÃES MONTEIRO DE CASTRO

A atual projeção do bloco russo-chinês e a Nova Guerra Fria.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Estudo da Paz e da Guerra.

Aprovado em 24 de setembro de 2020.

COMISSÃO AVALIADORA

Marcos Luiz da Silva Del Duca – Ten Cel Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

André Costa Campelo – Ten Cel Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Luiz Antônio Freire de Paiva Júnior – Tem Cel Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa, meus filhos e meus pais, fontes de inspiração e exemplo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Senhor dos Exércitos, pelo dom da vida, pela tranquilidade nos momentos difíceis e pela saúde que tem me permitido seguir estudando e aprendendo a cada dia que passa.

Ao meu orientador, TC Del Duca, pela orientação precisa e, principalmente, pela confiança e camaradagem que dispensou a mim em todos os momentos em que nos reunimos para melhorar este trabalho monográfico.

À minha esposa Annelise, meu amor, e meus filhos Marcus Vinícius e Antônio José, pela alegria de poder conviver com vocês todos os dias, pelo carinho, compreensão e incentivo de sempre.

“Humilhar um país grande sem enfraquecê-lo é sempre muito perigoso” (Henry Kissinger -1994).

RESUMO

A presente pesquisa propõe estudar a atual aliança e ascensão do bloco russo-chinês e suas reais consequências para a Nova Ordem Mundial. O incremento do poder político e militar de Rússia e China é tema de extrema relevância, pois as duas potências nucleares englobam, nessa ordem, as maiores porções territorial e populacional do mundo, ocupando posição de destaque perante toda a comunidade internacional. Os russos reaparecem no cenário geopolítico mundial por meio de uma política determinada a restabelecer o gigante eurasiático como importante barreira à expansão da comunidade ocidental. De maneira semelhante, a República Popular da China, após deixar claro que o regime unipartidário socialista sobreviveu à crise do Socialismo Real nos anos de 1990, busca alcançar o *status quo* de superpotência global e ser um contrapeso à atual hegemonia norte-americana perante o mundo.. Este trabalho está enquadrado na linha de pesquisa de Estudos da Paz e da Guerra e tem como objetivo estudar a ascensão geopolítica de Rússia e China no cenário internacional. Nesse sentido, destacam-se os avanços militares russo e chinês no Leste Europeu e na Ásia, respectivamente, com a delimitação temporal contida entre o início do século XXI e a atualidade. Avanço esse, consolidado pela criação da Organização para Cooperação de Xangai. A pesquisa ainda busca estudar o a recente atuação de russos e de chineses, tanto em seus entornos estratégicos, quanto em nível mundial, o que poderá fornecer uma consciência situacional acerca da atual sinergia estratégica dos dois países na busca da reafirmação de suas relevâncias político-estratégicas no cenário global. Para isso, a metodologia empregada será a de pesquisa mista, por meio de técnicas qualitativas e quantitativas. Dessa forma, essa pesquisa pretende aumentar o conhecimento acadêmico acerca da geopolítica russa e chinesa, assim como identificar possíveis consequências para o Brasil nesse ensejo. Tentar-se-á verificar se o Brasil sofrerá o impacto dessa nova disputa ou se ele poderá dela aproveitar, tema esse que pode ser explorado com maior profundidade no seio da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Bloco russo-chinês; Poder; Estratégia; Cenário global.

ABSTRACT

The present research studies the current alliance and rise of the Russo-Chinese bloc and its real consequences for the New World Order. The increase in political and military power in Russia and China is an extremely important issue, since two nuclear powers encompass, in that order, the largest territorial and population portions in the world, occupying a prominent position over the entire international community. The Russians reappear on the world geopolitical scene through a specific policy to restore the Eurasian giant as an important barrier to the expansion of the Western community. Similarly, in the People's Republic of China, after making it clear that the one-party social regime survived the crisis of real socialism in the 1990s, it seeks to achieve the status of a global superpower and to be a counterweight to current American hegemony today or to the world. As two nations, by not generally sharing the same values of Judeo-Christian civilization, using new visions of the world in the international community, in which the presence of a strong state, which is militarily armed and ideological guardian of its threats, can unleash or arise large civilizational cracks, with the increase of foci of tension with the western bloc. This work is part of the research line of Peace and War Studies and aims to study the geopolitical rise of Russia and China on the international stage. In this sense, we highlight the Russian and Chinese military advances in Eastern Europe and Asia, respectively, with a continuous temporal delimitation between the beginning of the 21st century and today. This advance was consolidated by the creation of the Shanghai Cooperation Organization. A survey also seeks to study the latest performance of Russians and Chinese, both at their strategic levels and at the global level, or that may provide situational awareness of the current strategic synergy of the two countries in the quest to reaffirm their relevant political policies without global scenario. For that, a methodology used will be a wrong research, through qualitative and quantitative techniques. Thus, this research aims to increase academic knowledge about Russian and Chinese geopolitics, as well as to identify possible consequences for Brazil in this regard. Attempts will be made to see whether Brazil will be impacted by this new dispute or will be able to take advantage of it, a topic that can be explored with greater depth in Brazilian society.

KEYWORDS: Russian-Chinese block; Power; Strategy; Global Scenario

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Expansão da OTAN ao longo dos anos.....	19
Figura 2 – Míssil Kalibr.....	20
Figura 3 – Fragata do tipo Gorshkov.....	21
Figura 4 – Sede da Rosobornexport.....	22
Figura 5 – Colar de Pérolas.....	24
Figura 6 – Expansão chinesa.....	25
Figura 7 – Gongij – 11 (GJ-11), drone de ataque “stealth”.....	27
Figura 8 – Sistema de Defesa chinês HQ – 9.....	28
Figura 9 – Expansão da Organização para Cooperação de Xangai.....	31
Figura 10 – Astronauta brasileiro Marcos Pontes.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DA PESQUISA.....	13
1.2	OBJETIVO.....	13
1.3	HIPÓTESES.....	13
1.4	DELIMITAÇÃO.....	14
1.5	CONTRIBUIÇÕES PARA AS CIÊNCIAS MILITARES.....	14
2	DESENVOLVIMENTO	15
2.1	A GEOPOLÍTICA.....	16
2.2	A RÚSSIA NO CENÁRIO INTERNACIONAL.....	16
2.3	A CHINA NO CENÁRIO INTERNACIONAL.....	23
2.4	AS RELAÇÕES RUSSO-CHINESAS.....	29
2.5	A ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO DE XANGAI.....	29
2.6	A NOVA GUERRA FRIA.....	32
2.7	CONSEQUÊNCIAS PARA O BRASIL.....	35
3	CONCLUSÃO	37
4	REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 120 anos, a Rússia passou por profundas transformações em todos os campos do poder nacional. Uma dinastia secular, mesmo sustentada por uma economia baseada em sistema de quase servidão e por uma sociedade campesina, em sua plenitude, conseguiu expandir seu território a despeito da existência de estados mais fortes ao seu redor.

De maneira geral, todo o desenvolvimento histórico russo viu-se fortemente influenciado pela constante relação com Estados mais bem organizados e tecnicamente mais bem armados. Sob constante pressão externa, a consolidação e ampliação do Império russo foi o que norteou em grande medida a monarquia czarista. (AMARAL, 2009).

Analogamente, transformações bruscas ocorreram com a atual República Popular da China. Uma civilização confucionista, predominantemente ligada às atividades do campo que, no século XIX, foi subjugada por potências ocidentais, é, nos dias de hoje, uma potência político-militar intransigente com interferências em seus assuntos internos. O caminho traçado pelos chineses para alcançar esse estado também foi complexo, tendo havido revoluções, guerras externas e conflitos internos. Destaca-se, no entanto, que o sentimento de superioridade cultural dos chineses em relação ao mundo é de caráter extemporâneo.

Em nenhum outro país, é concebível que um líder moderno possa iniciar uma grande empreitada nacional invocando princípios estratégicos ocorridos de um episódio ocorrido mais de um milênio antes [...]. Mas a China é única. Nenhum outro país pode se arrogar tal continuidade de civilização, ou uma ligação tão íntima com o passado antigo e os princípios clássicos de estratégia e arte de governar. (KISSINGER, 2012).

A Rússia herda de seu passado czarista¹ a luta pela soberania territorial. Em 1853, a Rússia disputava com o Reino Unido e a França a posse da região da Crimeia. Em 2014, essa mesma região foi palco de disputa entre o governo de Moscou e a Ucrânia. Destaca-se que os ucranianos foram e ainda são apoiados pela comunidade ocidental

¹ Tzarista; relacionado com o czarismo, tsarismo ou czarismo, ao regime político russo que vigorou na Rússia até a revolução bolchevista de 1917. **Dicionário online de Português**. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/tzarista/>>. Acesso em 30 de julho de 2020.

nesse embate. O passado soviético também é revivido nos dias de hoje, à medida que os orçamentos militares russos aumentam continuamente e o antagonismo aos Estados Unidos da América (EUA) é latente.

Paralelamente, a queda do sistema monárquico chinês não dissolveu do imaginário popular dos asiáticos a percepção de que eles pertencem a uma civilização mais avançada. Essa assertiva é materializada pelas palavras do secretário do Partido Comunista Chinês, Xi Jinping, ao deixar claro que até meados do século XXI, a China prevalecerá econômico e culturalmente no cenário mundial.

A criação da Organização para Cooperação de Xangai (OCX) ²em 2001 já, segundo alguns especialistas em geopolítica, foi a célula embrionária do contrapeso político e militar dos russos chineses frente aos Estados Unidos e seus aliados nos diversos campos do poder.

A Organização para Cooperação de Xangai – constructo geopolítico que poderá se tornar a maior aliança estratégico-geopolítica desde a criação da OTAN – que torna evidente que a Eurásia será o novo palco geopolítico do século XXI. (Sousa, 2012).

Nesse cenário, o Brasil, no campo diplomático, adota uma postura de neutralidade diante dessas disputas. No entanto, cabe destacar que o país é o maior parceiro comercial da China, relaciona-se crescentemente com a Rússia em diversos fóruns internacionais e possui laços históricos com EUA, sendo impossível, dissociar deste, a evolução da política externa brasileira.

Destarte, o Brasil, como país emergente do sistema internacional, não poderá esquivar-se diante de tal disputa que reverbera em assuntos internos de praticamente todos os países do globo. O expansionismo russo-chinês é tema recorrente no ambiente globalizado, sendo de extrema importância o seu estudo e, principalmente, o fomento da mentalidade de tomadas de decisões que protejam o interesse nacional.

² OCX é uma organização intergovernamental internacional, fundada em 15 de junho de 2001 pelos líderes da Rússia, Cazaquistão, China, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão. **Organização para Cooperação de Shangai.** Disponível em <<https://br.sputniknews.com/infograficos/201509102090025/>>. Acesso em 30 de julho de 2020.

1.1 PROBLEMA

O advento da globalização, o avanço das comunicações e da tecnologia da informação permitiram as alterações da Nova Ordem Mundial. No entanto, o aumento do orçamento militar de russos e chineses deixa claro que o uso da força bélica ainda é uma opção viável na disputa geopolítica. Assim, Rússia e China intencionam ultrapassar o *status quo* de potência regional para atingir níveis de dominância global, por meio da utilização de qualquer ferramenta geopolítica. Nesse sentido, é premente o surgimento de disputas em diversos campos de poder e em todos os quadrantes do globo, em que russos e chineses tentarão conquistar novos parceiros políticos, estabelecerem novas relações econômicas, dissuadirem adversários pela força militar e alterar valores culturais consolidados principalmente nas áreas de esfera de influência do bloco ocidental.

Assim, surge a seguinte questão:

A ascensão geopolítica do bloco russo-chinês pode resultar em uma Nova Guerra Fria?

1.2 OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo é entender a projeção geopolítica do bloco russo-chinês nos dias atuais, levando em consideração suas características, nuances, e ameaças, concluindo sobre a existência ou não de uma nova Guerra Fria em um contexto no qual as potências capitalistas democráticas estejam sendo ameaçadas.

Ademais, o estudo pretende analisar as consequências para Brasil no que tange à defesa dos interesses nacionais para a conservação dos valores ocidentais.

1.3 HIPÓTESES

Parte-se da premissa que, nos dias atuais, Rússia e China estão associados geopoliticamente com o intuito, pelo menos em um primeiro momento, contraporem o modelo ocidental e, especialmente, a hegemonia norte-americana.

Procurando alinhar as ações investigativas traçadas pelo objetivo do projeto e de maneira a avaliar os resultados advindos do estudo dos referidos campos, elaboraram-se as hipóteses abaixo:

H_1 : o expansionismo russo-chinês é uma ameaça às democracias ocidentais,

representando o início de uma nova Guerra Fria?

H₂: o expansionismo russo-chinês não constitui ameaça às democracias ocidentais, não representando, portanto, o início de uma nova Guerra Fria?

Como resultado do arranjo geopolítico russo-chinês, será possível elucidar as possíveis consequências para o Brasil frente à maneira como os três países buscam ditar a agenda mundial.

1.4 DELIMITAÇÃO

O presente trabalho concentrará no fenômeno central, delimitado a locais específicos (CRESWELL, 2007, p.156). Assim, a ascensão do bloco russo-chinês será estudada perante a Nova Ordem Mundial e as possíveis consequências para o Brasil.

No tocante à delimitação temporal, será analisado o período compreendido entre a segunda metade do século XX e os dias atuais, tendo em vista que esse período marcou o início da rivalidade geopolítica entre o bloco russo-chinês e as democracias ocidentais, a qual perdura até os dias de hoje.

1.5 CONTRIBUIÇÕES PARA AS CIÊNCIAS MILITARES E ESTUDOS DE DEFESA

O presente estudo tem sua importância em razão da nova dinâmica de relacionamento entre as poderosas nações do mundo no que concerne à busca de protagonismo no cenário mundial. Verifica-se que o bloco russo-chinês elabora, em um contexto interdisciplinar, estratégias nacionais e militares que fomentam seus setores de defesa. Nesse contexto, a rivalidade de Rússia e China com a países do bloco ocidental também abarca atritos étnicos e culturais, os quais acabam se tornando contraponto à dominância geopolítica das democracias capitalistas do bloco ocidental.

A relevância do tema encontra sentido ao aumentar os conhecimentos sobre as ações tomadas por Rússia e China, as quais permitiram mitigar problemas domésticos, reforçar suas soberanias nacionais e, ainda, projetar poder militar perante outras nações do mundo.

Serão também identificadas as possíveis consequências para o Brasil. O maior país do hemisfério Sul, herdeiro de valores judaico-cristãos e uma potência emergente

no presente momento, pode vir a ser zona de interesse de grandes potências do Oriente e do Ocidente nessa disputa por protagonismo global. Nesse contexto, pode vir a ser um ator fundamental para deslocar o equilíbrio de forças para uma das partes em questão. A capacidade de projetar poder pelo Brasil, em especial o militar, é fundamental para que a autodeterminação de seu povo seja assegurada na resolução de conflitos contemporâneos.

2. DESENVOLVIMENTO

As referências bibliográficas do Pré-projeto abrangem documentos de Estado, artigos científicos, além de outras literaturas sobre geopolítica mundial.

2.1 A GEOPOLÍTICA

Como o presente estudo está relacionado à dinâmica dos países e seus espaços geográficos, é lícito dizer que os atores de geopolítica serão usados como fonte de consulta. Nesse sentido, como ponto de partida, há que se definir o termo geopolítica.

O general Golbery do Couto e Silva, destacado pensador geopolítico nacional, assim define Geopolítica:

Geopolítica é a fundamentação geográfica de linhas de ação políticas, quando não, por iniciativa, a proposição de diretrizes políticas formuladas à luz dos fatores geográficos, em particular de uma análise calcada, sobretudo, nos conceitos básicos de espaço e posição (BONFIM, 2005. P. 17).

Segundo Therezinha de Castro (1983), citada por Bonfim (2005, p. 23) “[...]geopolítica pode prestar serviços às causas da guerra como também às da paz, desde que adequadamente formalizada. Poderá, assim, traçar metade para um bom governo da integração, no aproveitamento sistemático de seu espaço e posição”

Segundo o general Carlos Meira Mattos, citado por Bonfim (2005, p. 25), “Geopolítica é a arte de aplicar a política nos espaços geográficos”

2.2 A RÚSSIA NO CENÁRIO INTERNACIONAL

A Rússia vem crescentemente se afirmando como importante ator geopolítico no cenário internacional. A anexação da Crimeia em 2014, a intervenção militar na Síria, na

atual década, e o aumento substantivo de seu orçamento militar requerem atenção dos demais atores estatais. Pode-se considerar que as ações do país possam gerar mudanças significativas na balança de equilíbrio de poder entre diversos países, inclusive para aqueles que estão fora da região eurasiática.

Desde este século, paira na geopolítica russa um objetivo principal que baseou a Federação em todos os momentos, independentemente da divergência entre eles: “a integração da *Heartland*, o fortalecimento da sua influência na zona Norte da Eurásia, a afirmação da sua identidade perante o seu adversário mais agressivo, a Europa Ocidental (...), que aceitara a iniciativa da “civilização do Mar” e da talassocracia” (Dugin, 2016, p.37).

A ânsia da Rússia, por protagonismo no cenário internacional, é histórica. Ao longo dos anos, enxergavam-se contrapontos ao desenvolvimento da Rússia como importante ator estatal. Assim, o estado de beligerância marca a vida da nação russa até os dias atuais.

A Rússia em marcha raramente mostrava limites. Detida, curti seus ódios e esperava o momento de desforra – contra a Inglaterra em grande parte do século XIX, contra a Áustria após a Guerra da Crimeia, contra a Alemanha após o Congresso de Berlim e contra os Estados Unidos durante a Guerra Fria. Resta ver como a nova Rússia pós-soviética reagirá ao colapso do seu império histórico e dos satélites, uma vez absorvido o choque da desintegração. (KISSINGER, 1994, p. 58).

“Neste cenário, surgem dúvidas sobre o que vai ocorrer com o equilíbrio de poder mundial, uma vez que agora existem estados capazes de contrapor o poder americano se assim o desejarem” (DELARME LIN, 2018, p. 38). O fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, marcou o a queda do comunismo e, conseqüentemente, a estagnação do estado russo. No entanto, após anos de crise político-econômica, a Rússia vem se recuperando e se mostra disposta a interferir na Nova Ordem Mundial.

A Geopolítica da Federação Russa em relação aos Estados Unidos e à Europa 29 Em artigo publicado em fevereiro de 2012, Putin anunciou que a Rússia ia gastar €580 bilhões em armamento nos próximos dez anos para modernizar seu exército. Além disso, a Rússia é hoje grande fornecedora de armas para os países que querem manter sua independência em relação aos Estados Unidos, como a Índia. Dessa forma, as nações que sofrem de embargo sobre armas por parte dos

Estados Unidos – como a China, a Venezuela ou o Irã – fazem compras militares com a Rússia (Alves, 2012, p.16).

A Federação Russa, com a finalidade de atingir seus objetivos políticos, traçou a sua Estratégia Nacional, de forma a colimar esforços setoriais para que seus objetivos nacionais permanentes sejam alcançados.

A Estratégia de segurança nacional da Federação Russa é o estado de proteção do indivíduo, da sociedade e do estado contra ameaças internas e externas, que garantem a implementação dos direitos constitucionais e as liberdades dos cidadãos da Federação Russa, qualidade decente e de nível de suas vidas, soberania do Estado, independência, integridade territorial e desenvolvimento econômico e social da Federação Russa. A Segurança Nacional inclui a defesa do país e de todos os tipos de segurança previstas pela Constituição e as leis da federação da Rússia, particularmente o Estado social, informacional, ambiental, econômico, transporte, segurança energética e da pessoa. (CROCE, 2017, p.8).

A inserção da Rússia no cenário internacional vem sendo marcada pela retórica defensiva em relação a uma suposta hostilidade da comunidade ocidental, capitaneada pelos Estados Unidos da América. Fica claro, na Estratégia Nacional Russa, que os EUA são um óbice à projeção geopolítica do maior país do mundo.

O reforço da Rússia vem em meio às novas ameaças à segurança nacional com um abrangente e complexo cenário inter-relacionado. A realização de uma política externa e interna independente da Federação Russa são contestadas pelos EUA e seus aliados, procurando manter a sua posição dominante nos assuntos mundiais. A política em curso de conter a Rússia tende a uma pressão política, econômica, militar e informativa. (CROCE, 2017).

O antagonismo entre Rússia e EUA pode ser considerado como fruto de causas profundas. Historicamente, as duas potências nucleares posicionaram-se em lados opostos no que toca a questões geopolíticas. Já no início do século XX, se era verificada a fricção entre ambos.

Se na Europa, Theodore Roosevelt considerava a Alemanha a ameaça principal, na Ásia ocupava-se das aspirações russas e, conseqüentemente, favorecia o Japão, maior rival da Rússia. “Não há nação no mundo que tenha, mais que a Rússia, em suas mãos os acontecimentos dos anos futuros”, declarou Roosevelt. Em 1904, coberto

por uma aliança com a Inglaterra, o Japão atacou a Rússia. Apesar de proclamar a neutralidade americana, Roosevelt tendeu para o Japão. Uma vitória russa, argumentou, seria “um golpe para a civilização”. E quando o Japão aniquilou a esquadra russa, ele exultou: “Estou extremamente satisfeito com a vitória japonesa, pois o Japão faz o nosso jogo (KISSINGER, 1994).

As raízes da sensação de insegurança do estado russo são antigas. A própria formação do país foi acompanhada de políticas voltadas para a defesa do seu território. Nesse ínterim, as forças armadas do gigante eurasiático sempre ocuparam lugar de destaque para a nação eslava.

Com a geografia em mudança constante, à medida que seus governantes anexavam territórios contíguos, a Rússia transformava-se num império fora de escala comparado a qualquer outro país europeu. Ademais, a cada nova conquista, o caráter do estado mudava, pela incorporação de um novo e inquieto grupo étnico não russo. Esta foi uma das razões pelas quais a Rússia foi obrigada a manter exércitos enormes, de tamanho desproporcional a qualquer ameaça plausível à sua segurança externa. (KISSINGER, 1994).

Em pleno século XXI, a retórica russa ainda é calcada na existência de ameaças à sua soberania. O próprio governo russo, ao elaborar a sua Estratégia de Defesa Nacional deixa explícito que o pacto militar entre as potências europeias e os EUA é nocivo aos russos.

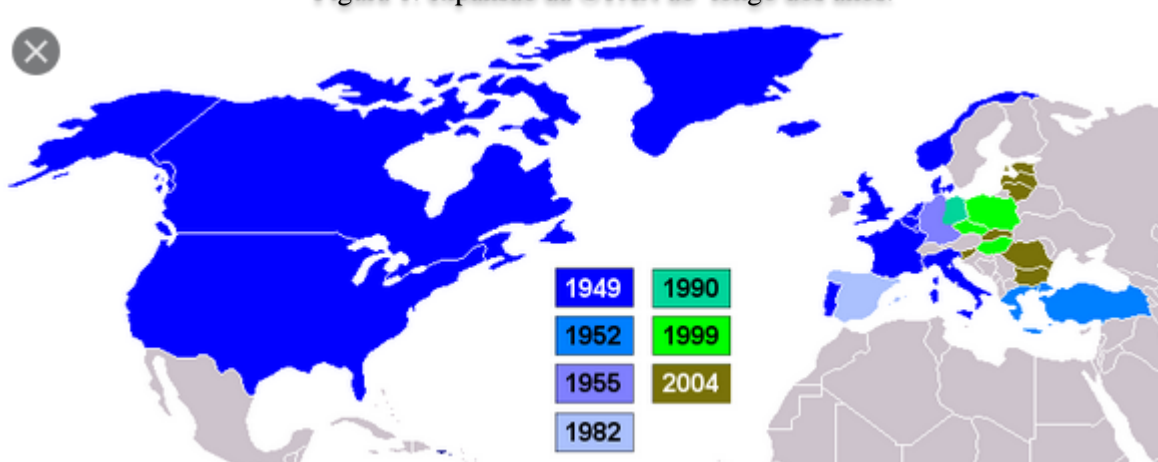
A capacidade do poder da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e suas funções globais, implementadas em violação das normas do direito internacional, geram um aumento da atividade militar dos países do bloco e a expansão da Aliança, numa aproximação de sua infraestrutura militar em direção às fronteiras da Rússia, sendo uma ameaça à segurança nacional. A possibilidade de manutenção da estabilidade regional e global é consideravelmente reduzida quando colocado na Europa, Ásia-Pacífico e Oriente Médio os componentes do sistema de mísseis da defesa dos Estados Unidos em termos de aplicação prática do conceito do “impacto global”, implantando os sistemas de armas de precisão não-nucleares estratégicos, bem como no caos da colocação de armas no espaço sideral (CROCE, 2017).

O colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) descortinou uma Rússia colapsada economicamente e um defasado aparato militar. Este se

apresentou como uma estrutura inchada em termos de pessoal e bastante atrasada no que tange ao aprestamento de seu contingente militar. O profissionalismo do soldado do exército vermelho deu lugar a grandes efetivos com defasagem de técnicas, táticas e procedimentos (TTPs). O arsenal nuclear russo e o passado vitorioso em sua participação na 2ª Guerra Mundial não se mostraram capazes, a partir do início do XXI, de impedir que equilíbrio geopolítico se deslocasse em favor da Europa Ocidental e dos EUA.

Os russos, desde o desmantelamento das repúblicas soviéticas, assistiram atônitos a entrada de seus ex-satélites na maior aliança militar da história, a OTAN. A afiliação de países como Hungria, República Tcheca, Polônia, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Albânia, Croácia e Montenegro, na supracitada aliança, deixou claro o enfraquecimento russo; sua incapacidade de cercear a expansão militar ocidental ao longo de seu entorno estratégico.

Figura 1: expansão da OTAN ao longo dos anos.



Fonte: Defesanet.

Nesse ínterim, os russos, sob a presidência de Vladimir Putin, experimentaram profundas transformações em suas forças armadas. Elas, em um passado recente, como forma de desinformar seus potenciais adversários, estruturaram suas forças singulares em “Grandes Comandos Esqueletos”. Estes eram retratados como grandes redes de organogramas hierarquizados ao comando central do Ministério da Defesa russo. Na verdade, era mais uma ferramenta dissuasório do que uma realidade. A incapacidade de

desdobrar na prática o que se afirmava na teoria mostrou que o embuste também fomentava a vontade do estado russo de projetar poder.

Segundo o adido militar da Rússia, por meio de uma entrevista realizada em 3 de junho de 2020, o atual chefe do poder executivo central do gigante eurasiático determinou a redução do efetivo do exército russo em mais de 50 % de forma garantir melhor distribuição de recursos a seus militares e, conseqüentemente, profissionalizar seus quadros de forma mais eficaz. Além disso, investiu-se muito também e armas estratégicas como forma de afastar de suas áreas lindeiras a presença de países ocidentais, conforme será visto a seguir.

O míssil de cruzeiro russo Kalibr mostrou-se bastante proveitoso contra alvos estratégicos. O alcance desse artefato pode chegar a 2500 quilômetros. Segundo especialistas, a maioria dos sistemas de defesa antiaérea são quase impotentes contra esse sistema, graças à sua trajetória complexa e à velocidade supersônica alcançada.

A Frota do Mar Negro está armada com navios equipados com estes mísseis - três fragatas, de fato, são três pequenos navios de mísseis. Além disso, a brigada submarina também tem a capacidade de disparar estes mísseis de cruzeiro. E, no futuro, o número de veículos lançadores da Kalibr, e posteriormente os mísseis hipersônicos Tsirkon, mais do que duplicará, incluindo no mar Negro."(SPUTNIKNEWS, 2019)

Nesse contexto, as forças armadas russas estão em processo de desenvolvimento de uma capacidade militar que lhes permite usar suas plataformas de mísseis que os engendra sua força para evitar ameaças em âmbitos regional e mundial.

Figura 2: Míssil Kalibr.



Fonte: Sputnik news.

A Rússia também vem investindo em sua marinha de guerra. A fragata do tipo Almirante Gorshkov, designação do projeto 22350, é classificada como o mais moderno navio de superfície construído desde o fim da guerra fria. Ele foi comissionado em 28 de julho de 2018. A classe foi projetada pela Divisão de Projetos Severnoye e incorpora o uso de tecnologia furtiva. “A equipagem dessas fragatas com sofisticados sistemas de combate naval irá fornecer à Rússia ampla capacidade de executar ações dissuasórias em seu entorno, principalmente no mar Negro” (Pacto de Varsóvia, 2019).

Figura 3: fragata do tipo Almirante Gorshkov .



Arranjo dos principais sistemas da classe Admiral Gorshkov

Fonte: Sputnik news.

Um dos principais sustentáculos para a Base Industrial de Defesa (BID) russa é a Rosoboronexport. Esta foi designada, em 2007, pelo presidente Putin, como a responsável por todas as exportações de armas ³da Rússia. Estima-se que ela responde por mais de 90% das vendas de armas anuais da Rússia e tem cooperado com mais de 60 países ao longo de sua história, nos últimos 50 anos. Seus principais clientes são a China, Síria, Vietnã, Venezuela e o Iraque.

³ As exportações de armas da Rússia corresponderam a mais de US\$ 15,2 bilhões (R\$ 80 bilhões) em 2019. Cerca de 50 países importaram armas russas, afirma o vice-ministro da Defesa russo Aleksandr Fomin. **Exportações de armas da Rússia superam US\$ 15 bilhões em 2019.** Disponível em < <https://br.sputniknews.com/defesa/2020032315362551-exportacoes-de-armas-da-russia-superam-us-15-bilhoes-em-2019/>>. Acesso em 1 de agosto de 2020.

Figura 4: sede da Rosoboronexport,



Fonte: Sputnik news

A revista eletrônica *Sputnik news* menciona também que, dentre as suas principais atividades, estão aquelas de logística e manutenção, fornecimento de peças sobressalentes, ferramentas e acessórios, líquidos especiais, combustíveis e lubrificantes necessários para a operação adequada do material fornecido. Ela também forma pessoal especializado na indústria de defesa e promove o acesso a tecnologias de uso civil. Ressalta-se que em 2013, a Rosoboronexport conseguiu o recorde de 34 bilhões de dólares em encomendas para 66 países.

A exportação de armamento russo para seus parceiros estratégicos revela a intenção do estado russo de homogeneizar a estrutura militar de defesa de seus eventuais parceiros. Da forma como acontece com os membros da OTAN, que possuem padronizações dentro de sua concepção de defesa desde a equipagem até as TTPs, verifica-se que a Rússia deseja, ao seu modo, seguir os mesmos passos.

Dessa forma, projeta-se em um horizonte curto o soerguimento de uma Rússia aguerrida e herdeira de um ressentimento histórico contra as potências ocidentais. Paralelamente, ela também busca contrapor influências exógenas em seu entorno estratégica, apostando em seu poder militar para fazer valer seus interesses.

2.3 A CHINA NO CENÁRIO INTERNACIONAL

A China, ao longo de sua história, mostrou certo desprezo para as demais nações por se considerar, por meio de sua burocracia estatal, uma civilização mais evoluída. O “Império do Meio” esteve habituado, ao longo de sua existência, a ser hegemônico no seu entorno. A existência de um nacionalismo, que de certa maneira, pode ser considerado xenófobo fez parte da mentalidade coletiva dos chineses ao longo dos anos.

Antes do século XIX, a China jamais teve um vizinho capaz de contestar sua primazia e nunca imaginou que tal estado pudesse a vir a existir. Conquistadores estrangeiros derrubavam dinastias chinesas apenas para verem-se absorvidos pela cultura chinesa a ponto de prosseguirem com as tradições do Império do Meio. A noção de igualdade soberana dos estados não existia na China; estrangeiros eram bárbaros, relegados a um relacionamento tributário – assim foi recebido o primeiro enviado inglês a Pequim, no século XVIII. A China desconsiderava o envio de embaixadores para o exterior, embora não dispensasse o concurso de bárbaros distantes para vencer bárbaros mais próximos [...]. Após tornar-se um súdito humilhado do colonialismo europeu no século XIX, a China só ressurgiu recentemente – desde a Segunda Guerra Mundial – num mundo multipolar sem exemplo em sua história (KISSINGER, 1994).

O grande desafio da China é lidar com as incertezas e as mudanças no Sistema Internacional, além de lidar com a supremacia norte-americana, a qual tem buscado cada vez mais expandir seus domínios e sua influência internacional como única potência (DELARMELIN, 2018, p. 19). Em que pese a crescente aproximação entre a China e o mundo ocidental desde os anos de 1970, as relações de chineses com o bloco capitalista, capitaneado pelos EUA, é de grande rivalidade. Assim sendo, pode-se afirmar que a China busca parceiras estratégicas com diversos países com o principal intuito de se sobrepor, de forma indireta, geopoliticamente no cenário internacional.

Enquanto a tradição ocidental prezava o choque decisivo de forças com ênfase em feitos heroicos, o ideal chinês enfatizava a sutileza, as vias indiretas e paciente acúmulo de vantagem relativa (KISSINGER, 2012).

A última década presenciou a criação de novas instituições com potencial de constituir um paralelo à ordem internacional fora do quadro da Pax Americana. A mais

importante delas pode ser considerada o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, apoiado por Pequim. Outros exemplos incluem a Organização de Cooperação de Xangai, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, a União Econômica da Eurásia e o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul (DELARMELIN, 2018, p. 19).

A expansão chinesa está também calcada em uma grande e complexa rede de infraestrutura. Por meio da construção de bases artificiais no entorno do mar da China e construção de linhas rodoviárias, de ferrovias e instalação de portos, o país expande sua influência para além de seu entorno regional. A ligação entre esses canais de comunicação se denomina “Colar de Pérolas”.

A expressão "colar de pérolas" foi utilizada pela primeira vez num documento interno do Departamento de Defesa da EUA intitulado "Energy futures in Asia" (o futuro energético da Ásia). Por sua vez, o tenente-coronel Pehrson descreveu o Colar de Pérolas como “a manifestação da crescente influência geopolítica chinesa através de seus esforços para incrementar o acesso a portos e aeroportos, desenvolver relações diplomáticas especiais, e modernizar as forças militares que se estendem desde o Mar do Sul de China, através do estreito da Malaca e do Oceano Índico, em direção ao Golfo Pérsico (VÁZQUEZ, 2013).

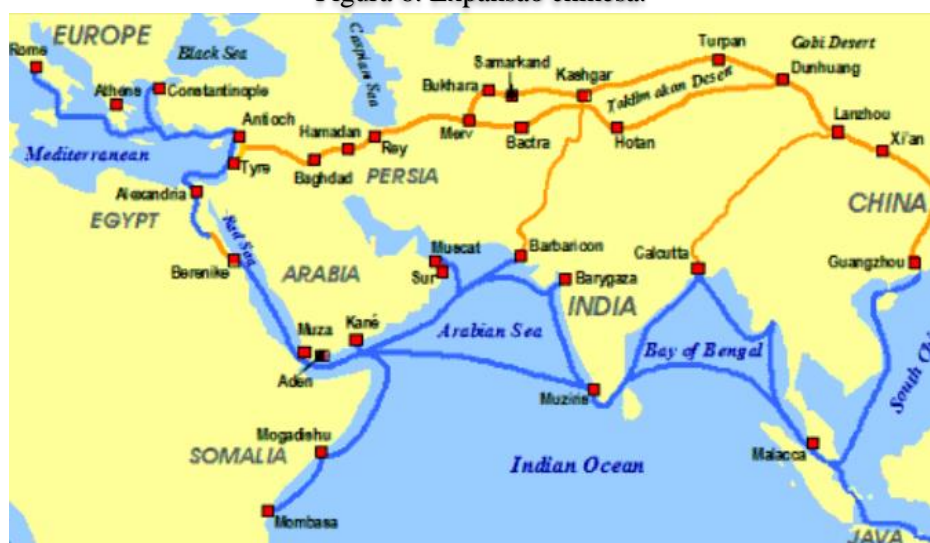
Figura 5: Colar de Pérolas.



Fonte: Vásquez, 2013.

O Colar de Pérolas abarca também a formação de enlaces formados por bases aéreas e navais, portos comerciais, infraestrutura energética e, inclusive centros de inteligência. Elas visam, sobretudo, manter suas rotas petroleiras, do mar Vermelho e do Golfo Pérsico até o mar do Sul da China. Tais enclaves tendem a criar zonas de estrangulamento em quatro importantes penínsulas: Indochinesa, Indostânica, a Arábica e o Chifre da África. Tais rotas vão ao encontro dos interesses indianos e norte-americanos.

Figura 6: Expansão chinesa.



Fonte: Vásquez, 2013.

A construção desse “Colar” redefine o equilíbrio geopolítico na região já que o aumento da presença chinesa é o contraponto do poderio naval e aeroespacial norte-americano e com a ascensão militar da Índia – esta última aproximando-se diplomaticamente dos EUA, especificamente para contrabalancear a crescente militarização do oceano Índico promovida pelos chineses.

A região do oceano Índico tem sua importância estratégica baseada principalmente no seu posicionamento em relação às rotas comerciais. Aproximadamente 3.500 navios, carregando 80% do comércio do oceano Índico transitam pelos estreitos de Malaca e Bab-el-Mandeb e pelo Cabo da Boa Esperança, principalmente para as potências extrarregionais. Estas embarcações estão carregadas com suprimentos vitais de petróleo

e materiais estratégicos e, assim, são objeto de sérias preocupações para as potências interessadas. Mesmo atualmente, 90% do comércio global e 65% de toda produção petrolífera são transportadas pelo mar (REIS, 2019).

Nesse ensejo, tanto o Mar do Sul da China quanto a região do oceano Índico assumem uma condição estratégica, tanto sob o olhar econômico quanto político, pois agregam-se àqueles fatores também a importância do petróleo para o provimento energético, sobretudo para a atividade industrial chinesa: a necessidade dos EUA de continuar ostentando sua hegemonia mundial: e, por fim, a emergência de novas potências como a própria China, no contexto mundial, e a Índia, no espectro regional (REIS, 2019, p. 51).

No mesmo sentido, grande parte do tráfego de derivados de petróleo passa pelo Oceano Índico, em seu percurso do Oriente Médio para o Oceano Pacífico. Enquanto tais produtos trafegam por esta rota, eles passam pelas principais linhas mundiais de transporte marítimo de óleo e alguns dos principais pontos focais do comércio mundial: Bab-el-Mandeb e os estreitos de Hormuz e Málaca. Aproximadamente 40% dos negócios mundiais passam pelo Estreito de Málaca; enquanto 40% de todo o petróleo bruto passam pelo Estreito de Hormuz.

Nesse contexto, percebe-se que a expansão chinesa é acompanhada por fortes investimentos econômicos e militares. Assim, pode-se afirmar que a China intenciona passar de potência regional para potência mundial. Fica claro, diante dessa veloz e agressiva expansão, que os interesses estadunidenses na porção centro-oriental do globo estão ameaçados.

No que toca às forças armadas chinesas, elas são divididas em Exército, Força Aérea e Marinha. Há um evidente predomínio do Exército, seguido em importância pela Força Aérea e depois pela Marinha, esquema semelhante àquele empregado pelas forças armadas soviéticas, no mesmo período. É interessante notar as semelhanças na trajetória das forças armadas soviéticas e chinesas, onde o passado revolucionário e a formação de um exército popular, forneceram a base de organização de uma estrutura militar terrestre enorme, com a aviação como arma de apoio e a marinha como força auxiliar. Também merece destaque em ambos os casos observar a estreita ligação entre

o Partido Comunista e o Exército Revolucionário e a subordinação do meio militar a estrutura política civil, através da direção da vida do país pelo partido e não pelos militares, ainda que sejam sociedades extremamente militarizadas. Caberia ainda ao exército revolucionário defender o partido e a revolução frente a inimigos externos e internos (Lobo, 2007, p. 3)

De acordo com o Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI), a China é o segundo maior produtor de armas do mundo, atrás dos Estados Unidos, mas à frente da Rússia. O SIPRI obteve informações de 2015 a 17 sobre o valor da venda de armas pelas principais empresas chinesas de armas. Ainda, de acordo com o instituto, as empresas abrangem três setores de produção de armas convencionais: aeroespacial, eletrônica e sistemas terrestres. Em 2017, das 20 maiores empresas do SIPRI Top 100, 11 estavam baseadas nos EUA, 6 na Europa Ocidental e 3 na Rússia. Se as quatro empresas chinesas de armas investigadas no estudo fossem incluídas no Top 100, todas elas figurariam entre as 20 primeiras, com vendas estimadas combinadas de armas totalizando US \$ 54,1 bilhões. Três das empresas seriam classificadas no top 10.

Figura 7: Gongij-11 (GJ-11) drone de ataque “stealth”.



Fonte: Defesa Net.

Cabe destacar uma das maiores empresas ligadas ao setor de defesa chinês, a Avic Industry Corporation of China (AVIC). De acordo com o a revista eletrônica Defesa Net, suas vendas de armas totalizaram em 2017 US \$ 20,1 bilhões, sendo a sexta maior do mundo. A China North Industries Group Corporation (NORINCO), que ocuparia o

oitavo lugar no Top 100 com vendas de 17,2 bilhões de dólares, é de fato o maior produtor mundial de sistemas terrestres.

Figura 8: Sistema de Defesa chinês HQ – 9.



Fonte: Defesa Net.

Os números não param por aí. De acordo com a reportagem do jornal Gazeta do Povo, "Entre as dez maiores, aparecem três companhias da China: as estatais Corporação da Indústria de Aviação da China (Avic, em 5º lugar) e a Corporação de Ciência e Indústria Aeroespacial da China (Casic, em 10º lugar), e a fabricante Norinco (China North Industries Corporation, em 8º lugar). Das 100, oito são chinesas. Juntas, elas tiveram um receita de cerca de US\$ 97 bilhões em 2018, atrás apenas das americanas e das europeias (com exceção da indústria russa)." Essas cifras permitem dizer que, sendo a China o segundo país que mais investe em defesa no mundo, o gigante asiático é também um concorrente dos EUA no mercado de armas e no campo da disputa pelo poder militar propriamente dito.

No atual cenário, pode-se afirmar que a China, estabelece relações multifacetadas com diversos países do mundo, em praticamente todas as regiões do globo terrestre. O estabelecimento de parcerias econômicas, acordos políticos e pactos militares é a maneira pela qual os chineses mostram-se dispostos a escalar seu poder e influência em escala global.

2.4 AS RELAÇÕES RUSSO-CHINESAS

Após anos de rivalidade entre russos e chineses, na busca da liderança perante o bloco comunista, durante a Guerra Fria (1945-1991), ambos os países, nos dias de hoje, têm laços de cooperação na busca do desenvolvimento e da segurança mútua.

No início do século XXI, as relações entre China e Rússia adquiriram um significado novo, que pode vir a pesar decisivamente nos desdobramentos da crise econômico-financeira mundial, e, por extensão, em seus impactos políticos internacionais. Trata-se respectivamente, da nação mais populosa e da mais extensa do planeta, as quais possuem notável complementariedade e integram o grupo BRICS. Ambas têm grande relevância econômica: a China como novo polo industrial do mundo [...]; já a Rússia é uma potência energética, que conta com recursos naturais estratégicos e tecnologia de ponta na área militar, aeroespacial e nuclear (VISENTINI, 2017).

A China e a Rússia, após o final da Guerra Fria e do mundo bipolar, têm buscado uma maior aproximação por vários fatores, como sua geografia, já que ambos são países continentais e dividem fronteira, mas principalmente movidos por alguns interesses em comum e pelo desejo de conter a influência norte-americana na região asiática e nas antigas áreas da União Soviética (DELARMELIN, 2018, p. 17). As semelhanças fisiográficas, a proximidade geográfica e a rivalidade em comum com os Estados Unidos são alguns dos fatores de congruência que levam os dois países a se consorciarem na busca do afastamento de influências exógenas à região, em especial, dos EUA.

Será estudada a Organização para Cooperação de Xangai para clarificar a interação entre os dois países.

2.5 A ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO DE XANGAI

O relaxamento das relações entre a China e a União Soviética, a partir dos anos de 1980, ajudou a reduzir as tensões ao longo da fronteira e as subsequentes negociações fronteiriças avançaram na resolução das disputas. (MAGALHÃES, 2018, p. 7). O final dos anos 1990, além de marcar o fim da disputa bipolar entre EUA e a Federação Russa, também foi palco de arranjos geopolíticos em que vingara uma aliança geopolítica russo-chinesa.

(...) em 1996, integraram-se na Organização para Cooperação de Xangai (OCX), junto com os três Estados asiáticos (ex-repúblicas soviéticas Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão). Em 2001, os presidentes russo e chinês assinaram “O tratado de amizade e cooperação”, que foi o primeiro

no mesmo gênero desde o ano 1950 e lançou a base estável para o desenvolvimento entre a Rússia e China no novo século (MIKHAILOVA, 2017).

Os EUA buscam a primazia militar e a manutenção da capacidade de intervenção decisiva na massa continental eurásiana (Ribeiro, p.2, 2015). Essa assertiva é corroborada pela presença norte-americana na Ásia Central, caracterizando o Grande Jogo na região: disputa entre EUA, Rússia e China pelo controle dos oleodutos da porção meridional da Ásia.

Nesse contexto, Rússia e China, conjuntamente, procuram criar um espaço de influência na Ásia Central. Além disso, a invasão do Iraque em 2003 demonstrou o interesse dos EUA em garantir seus interesses geopolíticos na região. A resposta dos dois gigantes orientais ao avanço norte-americano na região foi a criação da OCX.

Atualmente, num contexto de retirada dos EUA no Afeganistão, a Organização expande seu escopo de atividades para lidar de forma mais decisiva com a instabilidade afegã. [...]. Além disso, a distensão das relações indo-paquistanesas, mediada informalmente pela OCX, traria benefícios para todos os países da região. A perspectiva de distensão é reforçada pela intenção em reunir –em torno da OCX –os projetos de integração regional promovidos pela China (Rota da Seda) e pela Rússia (União Eurásiana). Por conta da magnitude destes fatores, argumenta-se que a Organização entra em uma nova fase, marcada pela promoção de novas normas de interação securitária (o Espírito de Xangai), pela integração econômica regional e pela regionalização da segurança através do gerenciamento dos dois maiores focos de instabilidade na porção central da massa eurásiana (Ribeiro, 2015).

O início do soerguimento político e econômico da Rússia está ligado, no campo externo, a parcerias estratégicas com países asiáticos, em que se destaca a China. Este país vem apresentando as maiores taxas de crescimento econômico e de desenvolvimento psicossocial do mundo na atualidade. Diante disso, considera-se que a parceria russo-chinesa, por meio da OCX, é de grande importância para que ambos os países consigam cooperar mutuamente, na busca da hegemonia regional e, futuramente, perante o mundo.

Vale lembrar que ambos os países vivem momentos distintos. A Rússia ainda está em processo de soerguimento econômico, o qual ainda até o presente momento não se consolidou após o colapso da URSS. Por outro lado, a China é o país que mais cresceu

no século XXI, apresentando uma economia pujante e um aparato militar que diariamente confere mais *status* de superpotência militar.

Assim, por exemplo, a China tende a fazê-lo através de investimentos e cooperação econômica, celebrando grandes acordos bilaterais que visam a importação de recursos energéticos e construção de pipelines com o Turquemenistão, o Cazaquistão e o Uzbequistão. Outra ferramenta de índole econômica é o novo projeto chinês de recriar a rota da seda com duas componentes: continental e marítima. Os métodos da Rússia não são tão sofisticados, até porque em termos econômicos está muito menos desenvolvida que a China, para além da economia russa ter sofrido com as sanções internacionais pós-Crimeia e com a dependência das receitas energéticas. Esta última faz com que qualquer oscilação do preço do petróleo ou gás natural tenha impacto nas receitas federais russas. No entanto, a Rússia continua a desempenhar um papel importante nesta região devido às suas ligações históricas e à presença de tropas e bases nas suas ex-repúblicas (Vaz-Pinto, 2016).

Figura 9: expansão da Organização para Cooperação de Xangai.



Fonte: artigo de Olga Serbyn Raquel Vaz-Pinto.

Esse acordo marcou a crescente cooperação entre Rússia e Pequim. Os ressentimentos da Guerra Fria pós 2ª Guerra Mundial sublimam com o passar do tempo. Ambos os países canalizam esforços para contrapor a supremacia norte-americana. Em que pese a existência de uma grande discrepância de crescimento econômico entre ambos, verifica-se que semelhantemente eles apostam na confiança mútua, materializada por esse tratado, para embarreirar o avanço geopolítico dos EUA na região. Essa ligação mostrou-se mais forte principalmente após 2014.

Após a implementação das sanções à Rússia, Vladimir Putin assinou uma série de acordos com a China, incluindo o acordo da exportação de gás, que, segundo documentos oficiais, conta com exportação de trinta bilhões de metros cúbicos durante trinta anos⁷. Desse modo, Moscou tenta reorientar a sua economia para a Ásia como uma forma de atenuar o impacto negativo das sanções internacionais. Para a China, esta crise traduziu-se numa maior oportunidade para aceder aos recursos naturais russos, especialmente ao gás a preços mais acessíveis, e também para chegar a novos mercados (Vaz-Pinto, 2016).

2.6 A NOVA GUERRA FRIA

Além da falta de democracia, Putin também observa que a unipolaridade vem causando cada vez mais guerras a despeito ao direito internacional. Esse é o primeiro momento de seu discurso em que o chefe de Estado russo cita nominalmente os Estados Unidos, referindo-se implicitamente à Guerra do Iraque. (AMAL, 2016, p.47). Desde o início do século XXI, o presidente russo, Vladimir Putin, vem escalando o estado de antagonismo perante os norte-americanos, deixando claro que a rivalidade soviética contra os EUA foi herdada pela Federação Russa.

O rompimento de pretéritos tratados que limitam a produção de armas estratégicas estão sendo desconsiderados pelos russos. Sob o discurso de que estão respondendo a uma provocação da OTAN, liderada pelos EUA, os russos adotaram uma postura mais contundente no que tange ao desenvolvimento de novos armamentos.

A retirada do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF, na sigla em inglês) anunciada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no último fim de semana (20/10) pode ser sinal da irrelevância atual de pactos de desarmamento nuclear firmados no fim da Guerra Fria, avalia o russo Pavel Felgenhauer, analista militar e político. Agora, temos uma nova Guerra Fria. Então, os tratados que acabaram com a anterior são irrelevantes, porque correspondem a uma situação mundial totalmente diferente. Isso significa que, provavelmente, era inevitável que esses acordos fossem por água abaixo (Defesanet, 2018).

A Europa Oriental assiste o expansionismo russo por meio de sua máquina militar. Além da reconquista da Crimeia em 2014, a Rússia também realiza manobra militares no ártico, o que causa desconforto em alguns países da região. A Suécia deixou claro a

preocupação ao incentivar a mobilização de seus nacionais, mediante ameaças do maior país do mundo.

Em 2010, a Suécia abandonou o recrutamento militar e jovens de todo o país se viram livres da necessidade de alistamento obrigatório. Mas a iniciativa não durou tanto tempo assim: em 2017 o governo anunciou que o serviço militar estava de volta, por medo de uma guerra contra a Rússia do presidente Vladimir Putin (R7, 2019).

Os EUA, liderança inconteste da OTAN, acompanha a escalada da crise na parte setentrional da Europa e, aos moldes da Guerra Fria, responde ao expansionismo russo com ações militares dissuasórias.

Ultimamente, vários políticos suecos e o governo têm adotado uma posição anti-russa, apresentando a perspectiva de um "ataque russo contra a Suécia" como se fosse uma possibilidade iminente. Em sua entrevista ao jornal Göteborgs-Posten, o ministro da Defesa sueco acusou a "Rússia de Putin" de ter ambições de superpotência e de tentar perturbar a ordem mundial. Ele também opinou que "não é surpresa" que os russos queiram "dividir o Ocidente" (Sputniknews, 2017).

A China, de maneira semelhante, também elenca pontos de divergência com a maior potência econômica e militar do mundo. O Estado chinês deixa claro que a desconfiança, em face do ocidente, é pauta do mais alto nível escalão político do país.

Sobre esta relação bilateral [com os EUA], persistem quatro fontes de desconfiança estratégica mútua, que se não forem devidamente mitigadas poderão metastizar-se e ter um impacto negativo em termos de segurança regional asiática: (1) a definição de relação bilateral fora do contexto advogado pela China; (2) os erros de cálculo quanto ao poder de cada um deles e face ao outro; (3) a percepção de uma China revisionista; e (4) a percepção de uma competição direta entre ambos, com mecanismos dinâmicos de ação-reação. (LAMPTON, 2010).

A China reconhece esse estado de tensão, principalmente após a crise comercial com os EUA. Disputas econômicas entre as duas nações é palco de discussão em

inúmeros fóruns internacionais. Acusações mútuas são recorrentes entre ambos. Os chineses acusam os americanos de aplicarem uma política agressiva, enquanto esses acusam aqueles de usarem métodos subreptícios para conseguirem vantagens financeiras indevidas durante suas transações de compra e venda.

O presidente da China, Xi Jinping, disse nesta terça-feira que o país tem de intensificar sua preparação para combates armados e melhorar sua capacidade de cumprir tarefas militares, pois a pandemia de coronavírus está tendo um profundo impacto na segurança nacional chinesa, informou a televisão estatal. O desempenho da China no combate ao coronavírus mostrou o sucesso da reforma militar, disse Xi, segundo a emissora estatal, acrescentando que as Forças Armadas devem explorar novas formas de treinamento em meio à pandemia. Xi, que preside a Comissão Militar Central da China, fez os comentários quando participava de sessão plenária da delegação do Exército de Libertação Popular e da Polícia Armada do Povo em meio à sessão anual do Parlamento chinês (Defesanet, 2020)

Ações militares dissuasórias entre os dois países já são corriqueiras na conjuntura atual. O leste asiático vem testemunhando e crescente escalada da crise militar entre os dois países. O Colar de Pérolas chinês, apoiado em exercícios militares e em construções de ilhas artificiais veem, segundo o governo dos EUA afetando o equilíbrio geopolítico na região.

Segundo Xi Jinping, em vez de aumentar sua presença militar na Ásia, os Estados Unidos deveriam se dedicar a estimular seu crescimento econômico. O dirigente prometeu que Pequim trabalhará para resolver os temas controversos no tema, como a cotação do iuane. As autoridades americanas acusam a China de manipular a taxa de câmbio de sua moeda para ganhar competitividade. Em uma entrevista ao The Washington Post e realizada por escrito, o vice-presidente chinês assegura que o oceano Pacífico dispõe de "espaço suficiente" para permitir tanto a presença chinesa quanto a norte-americana. Mas, segundo ele, os países asiáticos estão, antes de tudo, preocupados com o "crescimento econômico" (Defesanet, 2012).

O aumento do orçamento militar chinês em 2019 reforça a tese que ela esteja se preparando para futuros embates contra os EUA e seus aliados. Parcela significativa do PIB chinês vem sendo destinado às suas forças armadas, como forma de contrapor o poderio americano em seu entorno regional.

O investimento militar chinês seguiu nos últimos 25 anos a curva do crescimento econômico do país. Mas esta tendência também reflete a ambição do gigante asiático de ter um "exército de classe mundial",

aponta Nan Tian. "A China tem declarado abertamente que deseja competir em especial com os Estados Unidos como superpotência militar", acrescenta. O avanço chinês também explica a evolução da Índia, como destaca o relatório do Sipri. "As tensões e a rivalidade da Índia com o Paquistão e a China são alguns dos fatores determinantes do aumento do gasto militar", revela Siemon Wezeman, outro pesquisador do instituto (RFI, 2019).

2.7 CONSEQUÊNCIAS DA ASCENSÃO RUSSO-CHINESA PARA O BRASIL

A Rússia situa-se entre os maiores parceiros comerciais do Brasil, com fluxos de comércio bilateral na casa de US\$ 5 bilhões anuais. (ITAMARATY, 2019). A ascensão russa no cenário internacional vem refletindo em relações econômicas mais intensas com o Brasil. Esse fator é de extrema importância, em um momento em que o Estado brasileiro também está se alinhando, cada vez mais, nos campos político e ideológico com os EUA. Requer atenção sobre qual postura o Brasil deve tomar em questões diplomáticas e a capacidade do governo nacional de manter essa posição dual com esses dois atores.

Brasil e Rússia possuem uma significativa parceria no campo da defesa. Em março de 2006, o Tenente-Coronel, Marcos Pontes, da Força Aérea Brasileira, decolou do Cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão, com o cosmonauta russo Pavel Vinogradov e o astronauta norte-americano Jeffrey Williams. Passou oito dias na Estação Espacial Internacional antes de retornar à Terra com a equipe sendo substituída.

Figura 10: astronauta brasileiro Marcos Pontes



Fonte: Associated Press.

Vale lembrar que o histórico entre Rússia e Brasil no campo de Defesa precede esse evento. Desde o término da Guerra Fria ambos estão em fase de maturação no setor industrial militar.

Em 1997, o estabelecimento, pelo Brasil, de uma Comissão de Alto Nível de Cooperação com a Rússia apresentou a proposta de colaboração nos campos técnico-científicos, incluindo os setores nuclear e espacial. Isso culminou, no final daquele mesmo ano, com a assinatura do *Acordo de Cooperação Técnico-Científica* e do *Acordo-Quadro sobre a Cooperação nos Usos Pacíficos do Espaço Exterior*. Após uma reunião entre os presidentes do Brasil e da Rússia em 2002, uma declaração conjunta estabeleceu a promoção da cooperação bilateral na forma de uma parceria estratégica de longo prazo e da assinatura de um memorando sobre a cooperação técnico-militar (Imanuela Lonescu, 2019).

A cooperação russa mostrou-se também em 2003, após o acidente no Centro de Lançamento de Alcântara. Tal fatalidade acarretou ao Brasil grande retrocesso no aprimoramento de sua *expertise* no campo científico-tecnológico, devido às baixas do forte capital humano e pelos danos na infraestrutura da referida base.

A cooperação da Rússia com o Brasil recebeu, ironicamente, um impulso significativo após um acidente no centro de lançamentos orbitais brasileiro, o Centro de Lançamento de Alcântara. Em agosto de 2003, três dias antes do lançamento programado, o Veículo Lançador de Satélites *VLS-1* explodiu na plataforma¹². A Rússia respondeu com a oferta de sua *expertise* em foguetes para ajudar a investigar as causas do acidente. Coincidentemente, a equipe russa chegou ao Brasil durante as negociações de um acordo entre os Ministérios da Defesa e de Ciência e Tecnologia das duas nações. Naquele mesmo ano, a Rússia e o Brasil firmaram um acordo básico sobre tecnologia militar e sua transferência. O documento de revisão do *VLS-1* levou, mais tarde, a diversas modificações no modelo do foguete e torre de lançamento (Imanuela Lonescu, 2019).

Em 2004, ocorreu um fato decisivo para o relacionamento entre os dois países, quando o Brasil recebeu a primeira visita oficial de um presidente russo em seu território. Naquele mesmo ano, foi firmado um memorando entre o Ministério da Ciência,

Tecnologia, Inovações e Comunicações e a Agência Espacial Federal da Rússia sobre o programa de cooperação em atividades espaciais, que facilitou o desenvolvimento do VLS-1. Após a assinatura desse memorando, o presidente russo declarou que as áreas mais promissoras para cooperações bilaterais adicionais incluíam os setores de aviação, energia e construção espacial.

A presente década, da mesma forma, foi palco de interações no campo militar. Em dezembro de 2012, após uma presidencial à Rússia, o Brasil firmou um acordo para a compra de sistemas antiaéreos em fevereiro de 2013. Ao mesmo tempo, a empresa estatal Russian Technologies State Corporation (Rostec) e a Odebrecht Defesa e Tecnologia assinaram um memorando de cooperação técnica, comprometendo-se a estabelecer um empreendimento conjunto para a produção de helicópteros, armas de defesa antiaérea, veículos navais, entre outros. Isso incluía acordos sobre a criação de um empreendimento conjunto no Brasil para a montagem de helicópteros da família *Mi-171*, de fabricação russa, estabelecimento de um centro de serviços para helicópteros *Mi-35M* e criação de um sistema integrado de defesa antiaérea para as Forças Armadas brasileiras.

O chefe da delegação militar brasileira, Gen José Carlos de Nardi, disse, na ocasião, que estava negociando a aquisição de duas baterias dos sistemas portáteis de defesa antiaérea *Igla-S* (“Agulha”) e três *Pantsir-S1*, a qual incluiria o recebimento da tecnologia e o direito de construir uma fábrica para sua montagem no Brasil³². A Almaz-Antey, uma empresa estatal russa da indústria de armas, propôs um projeto pelo qual o sistema de defesa antiaérea do Brasil seria dividido em cinco partes, utilizando apenas armamentos russos. Entre as armas propostas estavam mísseis *S-300* e versões modificadas dos sistemas de defesa antiaérea *Buk* e *Tor*³³. Em 2012, a Almaz-Antey deu início a negociações sobre a cooperação bilateral para o apoio à segurança durante a Copa do Mundo, que seria realizada em 2014 no Brasil e em 2018 na Rússia, e durante as Olimpíadas de inverno na Rússia, em 2014, e de verão, no Brasil, em 2016. No final daquele ano, a empresa brasileira Atlas Táxi Aéreo comprou sete helicópteros Ka-62 (Imanuela Lonescu, 2019).

A tecnologia nuclear passou, desde 2015, a ser tema de interesse entre ambos os países. A implementação de escritórios russos vocacionados para o incremento do uso da energia nuclear, para fins pacíficos, já é uma realidade. A empresa estatal russa de energia nuclear, Rosatom, conta com representantes em solo brasileiro.

Em 2015, após o Brasil expressar interesse em modernizar sua usina nuclear após o terremoto e tsunami de 2011, que causaram a liberação de materiais radiativos em Fukushima, no Japão, a Rosatom (estatal russa de energia nuclear) abriu um escritório no Rio de Janeiro, ao lado da Eletronuclear, em 2015 (Imanuela Lonescu, 2019).

As relações bilaterais sino-brasileiras têm-se caracterizado por notável dinamismo. Desde 2009, a China é o principal parceiro comercial do Brasil e tem sido uma das principais fontes de investimento externo no país. O relacionamento vai além da esfera bilateral: Brasil e China têm atuado também em mecanismos internacionais, como BRICS, G20, Organização Mundial do Comércio (OMC) e BASIC (ITAMARATY, 2019). O país asiático ultrapassou recentemente os EUA como maior parceiro econômico do Brasil, em um momento em que os laços de amizade entre os brasileiros e os norte-americanos intensificam-se.

Em setembro de 2019, por ocasião do 197º aniversário da independência do Brasil, O conselheiro de Estado chinês e ministro da Defesa Nacional Wei Fenghe esteve em uma visita de quatro dias ao Brasil.

A China está disposta a trabalhar com o Brasil, consolidar a cooperação pragmática em vários campos e promover as relações bilaterais e os laços militares para um novo nível, acrescentou Wei. O vice-presidente brasileiro Hamilton Mourão se encontrou com Wei. Mourão disse que a China é o parceiro confiável e confiável do Brasil para uma cooperação estratégica abrangente, e o Brasil está disposto a trabalhar com a China para fortalecer a cooperação geral em vários campos. O ministro da Defesa brasileiro Fernando Azevedo e Silva também conversou com Wei. Na reunião estavam presentes os Comandantes da: Marinha, Alm Esq Ilques, Aeronáutica, Ten Brig Bermudez e Exército Gen Ex Pujol. O Secretário da Secretaria de Produtos de Defesa, Sr Degaut também participou da reunião no Ministério da Defesa Brasileiro (Defesanet, 2019).

Assim como os russos, os chineses também demonstram interesse em colimar esforços para o desenvolvimento da cooperação espacial. Ao longo das 3 décadas, o

Programa de Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS) já deu origem a cinco satélites.

A cooperação espacial entre o Brasil e a China, por seu caráter horizontal e por permitir o desenvolvimento conjunto de tecnologias e a capacitação de recursos humanos, vai ao encontro dos objetivos estratégicos do Programa Espacial Brasileiro, notadamente no que se refere à expansão e consolidação da indústria espacial nacional. O ano de 2016 marcou o 30º aniversário das negociações iniciais que levaram à assinatura, em julho de 1988, do acordo de constituição do Programa CBERS (Governo Federal, 2018).

Nesse contexto, é oferecido ao Brasil múltiplas oportunidades de cooperação, as quais ultrapassam o campo comercial e meramente político. Destaca-se que novos parceiros, no campo militar, surgem em um contexto geopolítico de grade competição entre as potências ocidentais, lideradas pelos Estados Unidos da América e o bloco eurasiático, liderados por Rússia e China.

3. CONCLUSÃO

O fim da Guerra Fria descortinou o apogeu da superpotência econômico-militar, representada pelos EUA. Aparece, em paralelo, a China, um país emergente, com ritmo de crescimento econômico e militar acelerado e a Rússia, uma potência militar cambaleante no campo econômico, buscando projetar-se novamente como *player* global.

A ordem pós-guerra fria põe à Aliança do Atlântico Norte três grupos de problemas: as relações internas na estrutura da aliança tradicional; as relações das nações atlânticas com os ex-estados satélites da União Soviética, na Europa Oriental; e, finalmente, o relacionamento dos estados sucessores da União Soviética, especialmente da Federação Russa, com as nações do Atlântico Norte e com a Europa Oriental (Kissinger, 1994).

Os russos, mediante a expansão da OTAN no seu entorno estratégico, buscaram na Ásia sua válvula de escape. No continente mais populoso do mundo, fomentou a criação da Organização para Cooperação pra Xangai e retornou seus investimentos na

Ásia Central, porção territorial ocupada pelas ex-repúblicas soviéticas. Destarte, o maior país do mundo busca seu soerguimento político-econômico por meio de interações com os países do Leste. Nota-se, nesse ponto, uma sensível diferença com relação à área de influência da União Soviética. Esta focava no leste europeu sua força para contrapor ao ocidente, tratando seus vizinhos asiáticos como atores secundários.

A descomunização do oriente europeu refletiu na existência de países heterogêneos quanto à postura a ser adotada. Viu-se que países, como a Polônia, decidiram rever suas alianças em prol de sua segurança. O país, que outrora sediou a assinatura do Pacto de Varsóvia, hoje é um membro da OTAN. A Hungria, que por mais de 40 anos agiu de maneira subserviente e ao governo de Moscou, busca no nacionalismo o eixo estruturante para seu soerguimento geopolítico. Essa miríade de rumos circunscreve a porção leste do continente europeu, de forma que este se torna um terreno fértil para alianças com países fortes na busca de resguardarem seus projetos nacionais.

Logo, no que toca ao leste europeu, a Rússia já adota uma postura mais agressiva. Segundo o próprio governo eslavo, esta seria uma atitude responsiva frente ao aumento da influência político-militar ocidental nos arredores do maior país do mundo. A sensação de insegurança da nação russa quanto ao seu território exige medidas de caráter secular por parte de seus estadistas. Constantemente, a Federação russa procura estabelecer vínculos de dependência e, por vezes, até de vassalagem, de seus vizinhos para com ela. Caso haja uma sensação de insegurança pare nessa nação, a via militar não é descartada. Toma-se por exemplo a retomada da Crimeia em 2014; situação esta, que os russos em velocidade notória desencadearam a anexação dessa região ao seu território.

Diante do exposto, pode-se inferir parcialmente que o estado russo, ao longo de sua história, geralmente quis reprimir nações que tentassem uma política verdadeiramente independente em suas regiões lindeiras-tentação que permitiu no período pós-guerra fria.

A China vive um momento um pouco diferente dos russos. O país mais populoso do mundo, neste século, já asseverou à comunidade internacional, que, de fato, é um rival dos Estados Unidos e um futuro candidato a superpotência mundial. A ânsia dos

chineses em ultrapassarem os norte-americanos em relação ao PIB não é uma meta que reflete apenas interesses econômicos. Além disso, desejam ser os genuínos disseminadores de sua cultura para o mundo. Nesse sentido, eles encaram seu desenvolvimento e forma transversal. Dão ímpeto tanto ao crescimento econômico quanto à modernização de suas forças armadas.

A rivalidade existente entre China e Estados Unidos repousa em um terreno ambivalente. Se por um lado, há atualmente uma guerra comercial entre ambos, foi justamente o comércio que inseriu a China no contexto mundial com importante ator político.

Ao longo desse processo, a China e os Estados Unidos tornavam-se cada vez mais envolvidos economicamente. No início da década de 1990, o volume total de comércio norte-americano com a China continental continuava sendo apenas metade do comércio americano com Taiwan. Perto do fim da década o comércio EUA-China quadruplicara, e as exportações chinesas para os Estados Unidos haviam crescido sete vezes. As multinacionais americanas viam a China como um componente essencial de suas estratégias de negócios, tanto enquanto local de produção como mercado em crescimento. A China, por sua vez, usava suas reservas cambiais cada vez maiores para investir em títulos do Tesouro norte-americano e, em 2008, se tornaria a maior detentora estrangeira de dívidas americanas (Kissinger, 2009).

O mundo está testemunhando uma nova China, cujo poder, aspirações e força militar, ultrapassam o alcance regional. Uma China próspera e gradualmente mais agressiva, com a implementação do Colar de Pérolas, vem mostrando ao Ocidente que os tentáculos geopolíticos asiáticos já encontram às suas portas. O estabelecimento de parcerias com diversos aliados tradicionais dos Estados Unidos, em especial o Brasil, já é uma realidade. Junto com o governo brasileiro, traçam-se objetivos que extrapolam o comércio. Já se vaticinam projetos a longo prazo para a conquista do espaço com o lançamento de satélites. A China deixa clara a sua contestação quando à supremacia americana.

Os líderes chineses tampouco aceitavam a interpretação do fim da Guerra Fria como conduzindo a um período dos Estados Unidos como hiperpotência. Em uma conversa em 1991, Qian Qichen advertiu que a nova ordem mundial internacional não poderia permanecer unipolar indefinidamente e que a China trabalharia opor a um mundo multipolar – significando que o país agiria para combater a posição preeminente americana (Kissinger, 2009).

Em síntese, o presente estudo deixou explícito que uma Nova Guerra Fria está presente no cenário mundial. Atores que antes disputavam a hegemonia do mundo socialista como modelo alternativo à sociedade ocidental, hoje colimam esforços para desbancarem os norte-americanos e para venderem uma nova visão ao mundo ocidental: aquela em que um estado forte capitaliza forças para moldarem suas sociedades rumo ao progresso. Se por vezes atuam de forma isolada, visando interesses genuinamente nacionais, por outro lado, atuam em conjunto para contraporem as alianças e pactos ocidentais. A Organização para Cooperação de Xangai surge como um contrapeso aos blocos econômicos do Ocidente e germinam um sólido pacto militar que ofereça uma barreira à expansão da OTAN.

Por fim, conclui-se que o Brasil, ainda distante da luta pela hegemonia mundial, é visto como um forte usuário dos produtos geopolíticos desses países. Deve saber aproveitar essa competição como um elemento de barganha para engendrar sua estratégia nacional de desenvolvimento. Por um lado, objetivos fundamentais do Ocidente devem ser cultivados como a liberdade econômica e a democracia. Por outro lado, deve ser pragmático o bastante para não entrar em uma disputa para a qual ainda não é páreo e, ao mesmo tempo, tirar proveito dos insumos de alta qualidade que Rússia e China possam oferecer. Talvez, esses produtos básicos possam alicerçar o Brasil para contrapor, em um futuro, esses mesmo atores que hoje lutam para pendular nossos interesses em direção aos deles.

O referencial metodológico adotado pela presente pesquisa propõe obter a solução do problema apresentado.

A perspectiva metodológica terá como abordagem, prioritariamente, a aplicação de métodos mistos. Assim, a abordagem metodológica buscará oferecer ao pesquisador

conhecimentos gerais destinados a estabelecer uma ruptura entre objetivos científicos e não científicos, sendo estes, em geral, de senso comum.

Os métodos a serem descritos procuram esclarecer os procedimentos lógicos que deverão ser aplicados no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade. São, pois, métodos que possibilitam ao pesquisador decidir sobre o alcance de sua investigação, as regras de explicação dos fatos e as possibilidades de se identificar consequências vindouras.

4. REFERÊNCIAS

3 das maiores companhias de defesa do mundo são chinesas. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/3-das-10-maiores-companhias-de-defesa-do-mundo-sao-chinesas/>>. Acesso em 12 de junho de 2020.

A COOPERAÇÃO TÉCNICO-MILITAR ENTRE BRASIL E RÚSSIA. Disponível em <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Arquivos/Segundo-Trimestre-2019/A-Cooperacao-Tecnico-Militar-entre-Brasil-e-Russia/>>. Acesso em 04 de junho de 2020.

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **O renascimento de uma potência? A Rússia do século XXI.** Brasília: Ipea, 2012.

AMAL, Victor Wolfgang Kegel. **Nova Guerra Fria? A percepção da Rússia sobre o Ocidente na Era Putin.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

AMARAL, Laura Beraldo. O desenvolvimento desigual e combinado: uma análise da categoria. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BONFIM, Uraci Castro. **Geopolítica.** Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2005.

CHINA E BRASIL CONCORDAM EM AVANÇAR LAÇOS BILATERAIS. Disponível em <<https://www.defesanet.com.br/brasilchina/noticia/34260/BR-CN--China-e-Brasil-concordam-em-avancar-lacos-bilaterais--fortalecer-cooperacao/>>. Acesso em 12 de junho de 2020.

CHINA. Disponível em <<http://www.aeb.gov.br/programa-espacial-brasileiro/cooperacao-internacional/china/>>. Acesso em 12 de junho de 2020.

Com medo de ataque russo, Suécia recria serviço militar após 7 anos. Disponível em <<https://noticias.r7.com/internacional/fotos/com-medo-de-ataque-russo-suecia-recria-servico-militar-apos-7-anos-05022019#!foto/1>>. Acesso em 18 de junho de 2020.

Conheça a nova fragata da classe Admiral Gorshkov da Marinha Russa. Disponível em <https://www.pactodevarsovia.com/2019/09/conheca-nova-fragata-da-classe-admiral.html>>. Acesso em 9 de junho de 2020.

DELARMELIN, Daniela Marquellini. **Cenário Estratégico Internacional: A ascensão chinesa, a aproximação com a Rússia e as implicações na balança de poder mundial.** Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018.

Despesas militares em 2019 são as mais altas desde a Guerra Fria. Disponível em <<http://www.rfi.fr/br/mundo/20200427-despesas-militares-em-2019-s%C3%A3o-as-mais-altas-desde-a-guerra-fria>>. Acesso em 20 de junho de 2020.

DUGIN, Aleksandr. **Why we fight in Syria . German Center for Eurasianism Studies.** Disponível em <<http://germancenter.net/2016/12/09/alexandr-dugin-fight-syria/>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

FEDERAÇÃO DA RÚSSIA. Disponível em: <<https://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5587-federacao-da-russia>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

Industria de Defesa da China segunda do mundo. Disponível em

<<http://www.defesanet.com.br/china/noticia/35569/Industria-de-Defesa-da-China-segunda-do-mundo/>> . Acesso em 15 de junho de 2020.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. São Paulo: Saraiva, 1994.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LAMPTON, David (2010). **Power Constrained: Sources of Mutual Strategic Suspicion in U.S.-China Relations**. Seattle: National Bureau of Asian Research, 2010.

LOBO, Carlos Eduardo Riberi. **A República Popular da China e a Trajetória de suas Forças Armadas**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MAGALHÃES, Luiz Elias. **Organização para Cooperação de Xangai: Integração Regional, Combate ao Terrorismo e a Nova Rota da Seda**. Décimo Primeiro Modelo Diplomático da Escola Parque, Rio de Janeiro, 2018.

MIKHAILOVA, Irina. **Rússia e China: Transformações Econômicas à Luz da História das Relações Bilaterais**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Disponível em: <<https://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-externo/>>. Acesso em 5 de outubro de 2019.

O mundo vive uma nova Guerra fria. Disponível em <<http://www.defesanet.com.br/nuclear/noticia/30969/-O-mundo-vive-uma-nova-Guerra-Fria-/>>. Acesso em 14 de junho de 2020.

O submarino de ataque diesel-elétrico Volkhov, o segundo do projeto 636.3 Varshavyanka e destinado à Frota do Pacífico, foi lançado à água no estaleiro Admiralteysky em São Petersburgo. Disponível em <https://br.sputniknews.com/defesa/2019122714942071-lancado-a-agua-novo-submarino-de-ataque-diesel-eletrico-russo-o-volkhov-video/>>. Acesso em 9 de junho de 2020.

Presidente da China pede que país esteja preparado para combate militar em meio à pandemia. Disponível em <<http://www.defesanet.com.br/gi/noticia/36936/Presidente-da-China-pede-que-pais-esteja-preparado-para-combate-militar-em-meio-a-pandemia/>>. Acesso em 18 de junho de 2020.

REIS, Friede. **COLAR DE PÉROLAS: a estratégia chinesa para dominar o Mar do Sul da China e a região do oceano Índico**. Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica, Rio de Janeiro, 2019.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. Disponível em: <<https://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4926-republica-popular-da-china>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

RIBEIRO, Erik Herejk. **A Expansão da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX): uma coalizão anti-hegemônica?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SOUSA, Danilo Rogério de. **A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo**. Revista de Geopolítica, Natal, 2012.

Tropas dos EUA chegam à Suécia para “repelir ameaça russa”. Disponível em <<https://br.sputniknews.com/europa/201705198427337-suecia-eua-otan-russia-ameaca/>>

>. Acesso em 19 de junho de 2020.

VÁSQUEZ, Daniel. **A Rota da Seda o Colar de Pérolas e a competição pelo Índico.** Disponível em <
<http://revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/viewFile/92/91>>.
Acesso em 21 de junho de 2020.

Vice chinês adverte EUA contra mobilização na Ásia. Disponível em <
<http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/4776/Vice-chines-adverte-EUA-contra-mobilizacao-militar-na-Asia/>>. Acesso em 18 de junho de 2020.

VISENTINI, José. **Século XXI: Impasses e conflitos.** Porto Alegre, Leitura XXI, 2017.